

SEGUNDO CADERNO

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2002

Santagustin: Em seu novo trabalho, grupo avança no desenvolvimento de uma linguagem de dança

Sensualidade debochada que serve para iluminar o passado do Corpo

Leonardo Aversa/3-9-02

Silvia Soter

**DANÇA
CRÍTICA**

A corruptela que batiza a mais nova criação do Grupo Corpo afirma um modo de fazer. Corromper, modificar, alterar o sentido deixando o que é essencial presente e transformado é o jeito de criar dessa companhia mineira. "Santagustin", jeitinho mineiro de evocar o filósofo do século V que se dividiu entre o amor carnal e a religião cristã, trouxe o competente Grupo Corpo de sempre, sempre em vias de transformação. A temporada carioca, que estreou na quinta-feira passada, termina esta noite, no Teatro Municipal.

As peças são em geral apresentadas aos pares. A noite é aberta por uma obra mais antiga e fechada pela peça de estréia. A escolha da peça que antecede a nova obra jamais é aleatória. Ela oferece pistas e prepara o olhar do espectador para a nova criação. Aqueles que acompanham os mais de 20 anos de estrada da companhia tem o raro privilégio de serem testemunhas do desenvolvimento de uma linguagem de dança. Linguagem com uma identidade própria que não se deixa engessar.

Parceria com Tom Zé volta a funcionar

A música tem servido de bússola para Rodrigo Pederneiras. Cada parceria musical determina as trilhas por onde a criação coreográfica avançará. O encontro de Rodrigo com Tom Zé rendeu as duas peças apresentadas: o belíssimo "Parabelo", parceria de Tom Zé com José Miguel Wisnik, de 1997, e o novo "Santagustin",



EM "SANTAGUSTIN", os duos na coreografia funcionam como exercícios de análise combinatória

de Tom Zé e Gilberto Assis.

"Santagustin" explora a face risível do amor e a atração entre os corpos. Música, cenário — a projeção de um imenso coração de pelúcia cor de rosa — coreografia e figurino conspiram para que não haja adesão ao que poderia existir de romântico na cena. O figurinista Ronaldo Fraga acentua o aspecto bufão dos intérpretes. Cabelos grisalhos, rostos pintados e figurinos verde e rosa sublinhando as "partes íntimas", provocam o distanciamento e a impessoalidade procurados. Na voz das cantoras, o amor é, simultaneamente,

derramado e criticado.

Em "Santagustin", os duos são exercícios de análise combinatória. Para amar é preciso apenas ter um outro. Seja ele homem ou mulher. Mas sempre que o outro aparece, os corpos se unem, em geral pelos quadris. Uma atração veloz e ritmada, como que provocada por um ímã. A ondulação do tronco que em "Parabelo" aparece em um fluxo contínuo, sempre do chão para o alto, está presente em "Santagustin". Ela é a mesma e é outra, já que uma espécie de violência se instala e interrompe bruscamente o fluxo de movi-

mento. Em "O corpo", criação de 2000 com música de Arnaldo Antunes, essa violência já havia sido explorada. Nuances de um vocabulário de movimento que está sempre em processo.

Se as peças mais antigas apontam caminhos para a leitura das mais recentes, cada nova criação do Grupo Corpo ilumina as peças anteriores. A sensualidade debochada de "Santagustin" mostra como, de forma menos explícita, a sensualidade sempre esteve presente e produtiva naqueles corpos que dançam. E como dançam! ■